

FÁTIMA LOPES

ENCONTREI O
AMOR

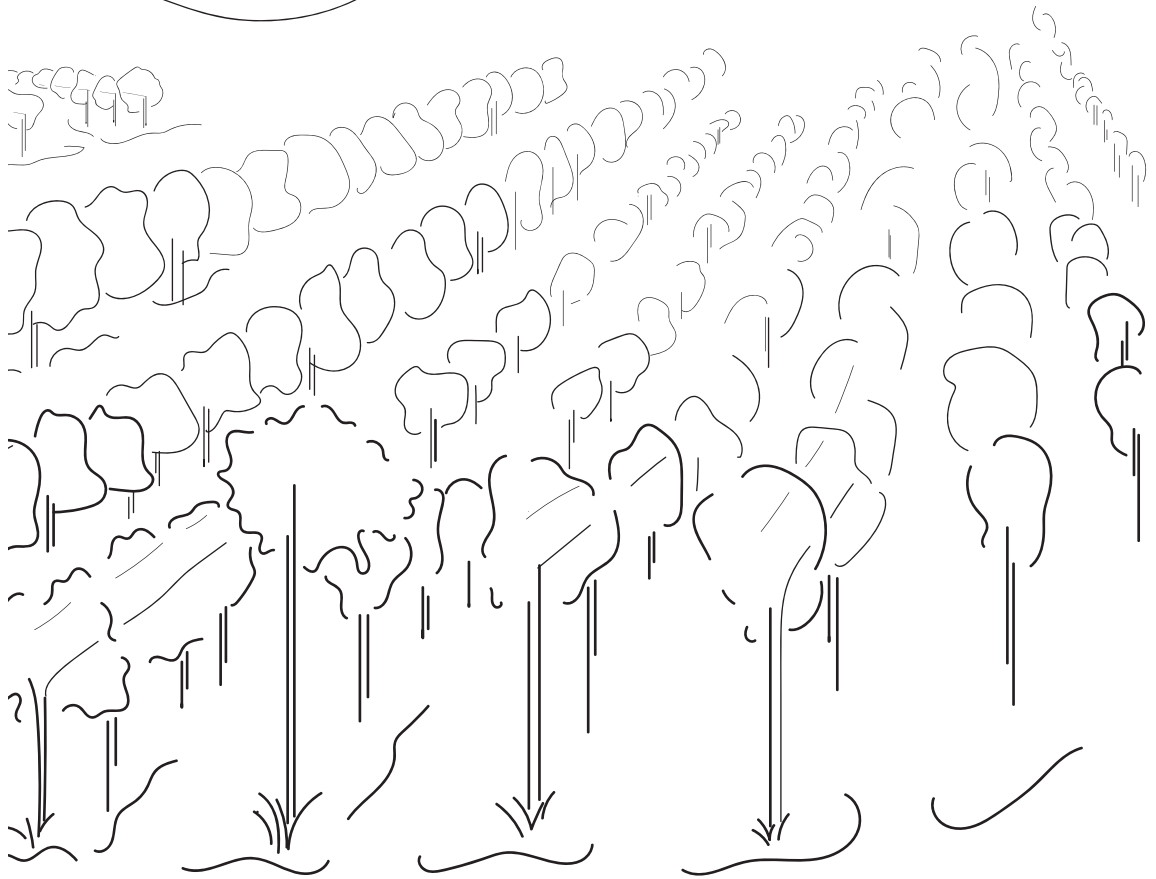
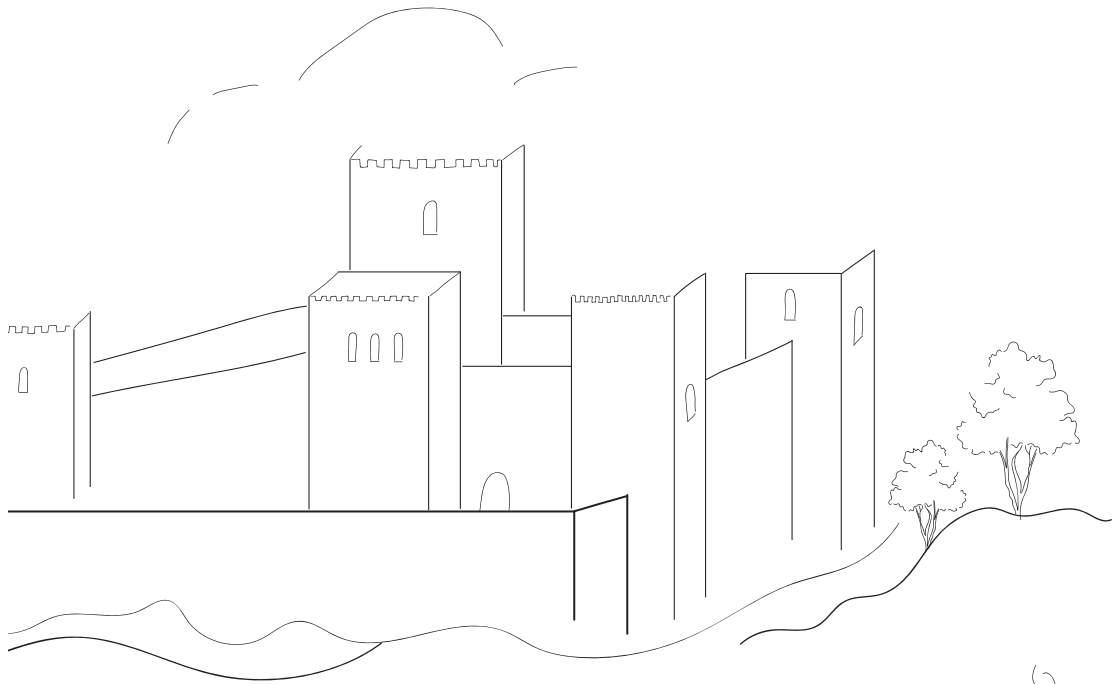
*onde menos
esperava*

ROMANCE

 Planeta

A todos os que se atrevem a mudar





1

Sinto-me cansada. Não tenho facilidade em reconhecê-lo, em dizê-lo assim abertamente, mas é verdade. Conhecem aquela sensação de vazio cá dentro que não se sabe explicar por palavras, mas que se sente? Uma insatisfação, uma espécie de ansiedade, uma tristeza maldisfarçada, uma falta de vontade. Aquele cansaço que vem das entranhas e que toma conta de tudo, até das mais pequenas coisas. Respiro fundo, mas o ar não chega onde eu quero que chegue. Serve apenas para aliviar momentaneamente esta sensação de peso que tenho no peito, feita de muitas vivências em que não fui feliz. E desconfio que não sou a única mulher a sofrer do mesmo. Quando falo com algumas das minhas amigas, sinto que este é um sentimento geral. Um sentimento escondido por uma camada de vergonha. Aquela vergonha, absolutamente idiota, que nós mulheres costumamos sentir quando pensamos naquilo que os outros podem identificar como uma fraqueza, uma debilidade. Há quem disfarce muito bem este mal-estar, esta tristeza que, sem avisar, vai ocupando espaço

no nosso coração. Somos fortes, temos necessariamente de ser fortes e dar «parte de fraca» não é connosco. Conheço tantas mulheres assim.

Há quem compre sapatos, meta *botox* na cara ou arranje um amante para se entreter. Não tenho nada contra. Quem sou eu para julgar alguém? Eu, que já tentei camuflar e disfarçar o que sinto com camadas de base e de sorrisos forçados. E para quê? Para passado pouco tempo, o tempo da excitação, da novidade, o cansaço e a insatisfação voltarem sorrateiramente a entrar, sem pedir licença, e instalarem-se.

Nem sei quando é que estes sentimentos apareceram na minha vida. Acho que foram entrando aos poucos, sem baterem à porta. Há quem me diga que estou na crise da meia-idade. Que chegados aqui, aqui, entenda-se, perto dos 50 – tenho 49 anos e sei que os 50 se vão aproximar em passo de corrida, sem que eu dê conta –, é comum a pessoa sentir esta avalanche de emoções, este cansaço da vida, esta incerteza do caminho a seguir. Estamos a meio da vida, subimos a montanha e agora parece que é sempre a descer. É um desafio que é preciso ultrapassar com muita calma e sabedoria porque tenho esperança que o caminho não seja a descer. Imagino-o como um caminho plano, como aquelas paisagens alentejanas a perder de vista, cheio de paz, alegrias e concretizações.

Sim, não pensem que tenho, nem nunca tive, medo da idade. A idade é só um número e convivo muito bem com ele. Tenho saúde. Isso é o mais importante. Tenho um bom trabalho que me dá prazer, que me desafia todos os dias e ainda paga as contas. Sou *designer* e, felizmente, entre as

minhas muitas crises, ainda não tive nenhuma crise de criatividade que me bloqueasse ou impedisse de ter bons resultados. Depois de experiências menos boas em grandes empresas, onde reina a competição feroz e o «passo por cima de quem for preciso para chegar ao meu objetivo», tornei-me *freelancer*, o que me dá uma grande liberdade para organizar o meu trabalho e a minha vida. Isto para não falar do alívio que é poder trabalhar com entusiasmo, sem ter de estar a olhar por cima do ombro para ver se alguém me quer lixar.

Tenho uma casa simpática no centro de Lisboa cuja renda consigo pagar ao final do mês, sem grandes problemas. Não tenho filhos e, sim... essa é a minha maior frustração e tristeza. Perdi as mulheres da minha vida, em poucos anos, sem aviso, nem misericórdia. Primeiro, a minha doce avó materna, e depois a minha querida mãe. Tenho o meu querido pai, o meu porto seguro, e o único pilar que me resta. E vivo atualmente sozinha.

Sempre lutei por tudo na minha vida. O meu trabalho, tudo o que tenho, foi fruto de muita luta. Mas confesso que estou cansada de lutar. Não, não pensem que quero desistir, baixar os braços, fugir. Nada disso! Muito pelo contrário! Quero deixar de fugir, de encontrar falsas saídas e falsas desculpas para o que sinto. Quero enfrentar o que se passa cá dentro sem medo e encontrar um caminho que me faça sentido. Quero renascer. A palavra certa é essa: renascer. Voltar a encontrar a minha alegria interior, a minha essência, o meu verdadeiro eu. Voltar a conseguir saborear a vida, como sempre me dizia a minha querida mãe. Voltar a acreditar. Sem me importar com o que os outros pensam de mim

e sem fazer o que os outros esperam de mim. Arriscar viver sem amarras, sem grandes expectativas ou objetivos definidos. Deixar que a vida flua na sua espontaneidade. Deixar que a vida me surpreenda e me mostre a sua magia. Sim, estou cansada de querer mandar na vida, de ir contra ela. Aceito deixar-me levar como o caudal de um rio.

Acredito com toda a minha fé, com todo o meu coração, que devemos e podemos transformar as nossas feridas em bênçãos, o nosso sofrimento em alegrias e que tudo o que passamos nesta vida são sinais, avisos, que nos despertam para um novo caminho, um novo sentido. Nada acontece por acaso. Tudo tem um propósito. E a minha história também não aconteceu por acaso.

*Reduz as feridas do passado a marcas
que te despertam para uma nova vida.
Transforma as feridas em bênçãos.*

E por isso decidi partir. Grito de alegria (e medo) quando digo esta palavra: partir!!!! Acredito que o medo faz parte da coragem. São duas faces da mesma moeda. O truque está em não deixar que o medo anule a nossa coragem. Levanto a cabeça e respiro fundo. O ar preenche cada canto dos meus pulmões, do meu corpo, e dá-me a força de que preciso para avançar.

Decidi deixar tudo para trás. Sair de Lisboa. Do ruído, da rotina, do conhecido, do esperado, da pressão, da vida igual

e sem surpresas, deste caminho que parece não me levar a lado algum. Partir à aventura, partir para abrir os olhos e o coração, e deixar entrar, sem medos, o que a vida tem reservado para mim. Abrir um capítulo novo da minha história. Abrir mesmo um novo ciclo. Se há coisa que cada um de nós tem nas suas vidas é esta liberdade de recomeçar, quando e onde quiser. A capacidade para escolher. E são estas escolhas que nos definem.

*Vejo-me agora como uma folha em branco.
Pronta a escrever uma nova história.*

Fecho o porta-bagagens do meu carro. Não levo muita coisa. Não me quero sentir presa a nada. As minhas amigas dizem que sou louca, que estou a fugir de mim própria, que nunca fui uma alma aventureira e agora é que me deu a maluqueira de «hippie viajante», como me chamam no gozo. «Só pode ser dos livros de desenvolvimento pessoal que andas a ler», garantem. Tenho a certeza de que elas apostaram um jantar num restaurante com estrelas Michelin, sobre quantos dias resisto nesta aventura até me voltar a enfiar no carro e regressar a Lisboa, a cidade que sempre amei e que jurei nunca abandonar.

O Francisco, meu fiel amigo desde os bancos da creche, diz-me «vai», com os olhos húmidos de emoção. Só ele sabe na totalidade o que tenho vivido e passado. Sempre ali ao meu lado, sem julgamentos, nem críticas, sempre de mão

dada comigo e braços prontos a abraçar-me. Olho para ele com imenso carinho. Na escola defendia-me quando era gozada, por causa dos meus óculos fundo de garrafa. Ajudou-me a superar a tristeza do primeiro amor adolescente não correspondido, estudámos juntos para os exames de acesso à faculdade, ajudou-me a tomar as decisões mais importantes da minha vida, ouviu-me chorar horas a fio, sem me julgar, apoiou-me em silêncio, quando perdi a minha avó e a minha mãe, porque há momentos em que não precisamos de palavras, só de sentir que temos junto a nós quem nos cuida e quer bem. Levantou-me do chão sempre que caí e orgulhou-se de todas as minhas conquistas.

– Tens o mundo a teus pés, Sofia. És uma mulher muito corajosa. A vida tem tanto para te dar que nem imaginas. Nunca deixes de acreditar – diz-me com um sorriso nos lábios.

Sorrio de volta. Com o coração cheio de medos, mas firme na minha decisão. É o Francisco, a minha pessoa, a minha luz, quem eu abraço com todas as minhas forças antes de me fazer à estrada.

– Vais visitar-me, Francisco? – pergunto, tentando não chorar.

– Sempre, quando quiseres basta ligares. Estou aqui para ti. Ao teu lado.

Liberto-me do abraço dele, entro no carro e sigo caminho. Olho pelo espelho retrovisor e lá está ele de pé ainda de braço levantado a acenar-me um adeus que me conforta.

Meto o rádio em altos berros e começo a cantar. Canto mal, mas o que é que isso importa se ninguém me está a

ouvir. A voz do Fernando Daniel dá-me confiança. Fala das voltas da vida e a minha está neste preciso momento a dar a maior volta de todas. É tempo de aproveitar. Sinto-me feliz por ter conseguido partir, e segura da minha decisão.

Vai correr tudo bem.

A sorte protege sempre os audazes.